

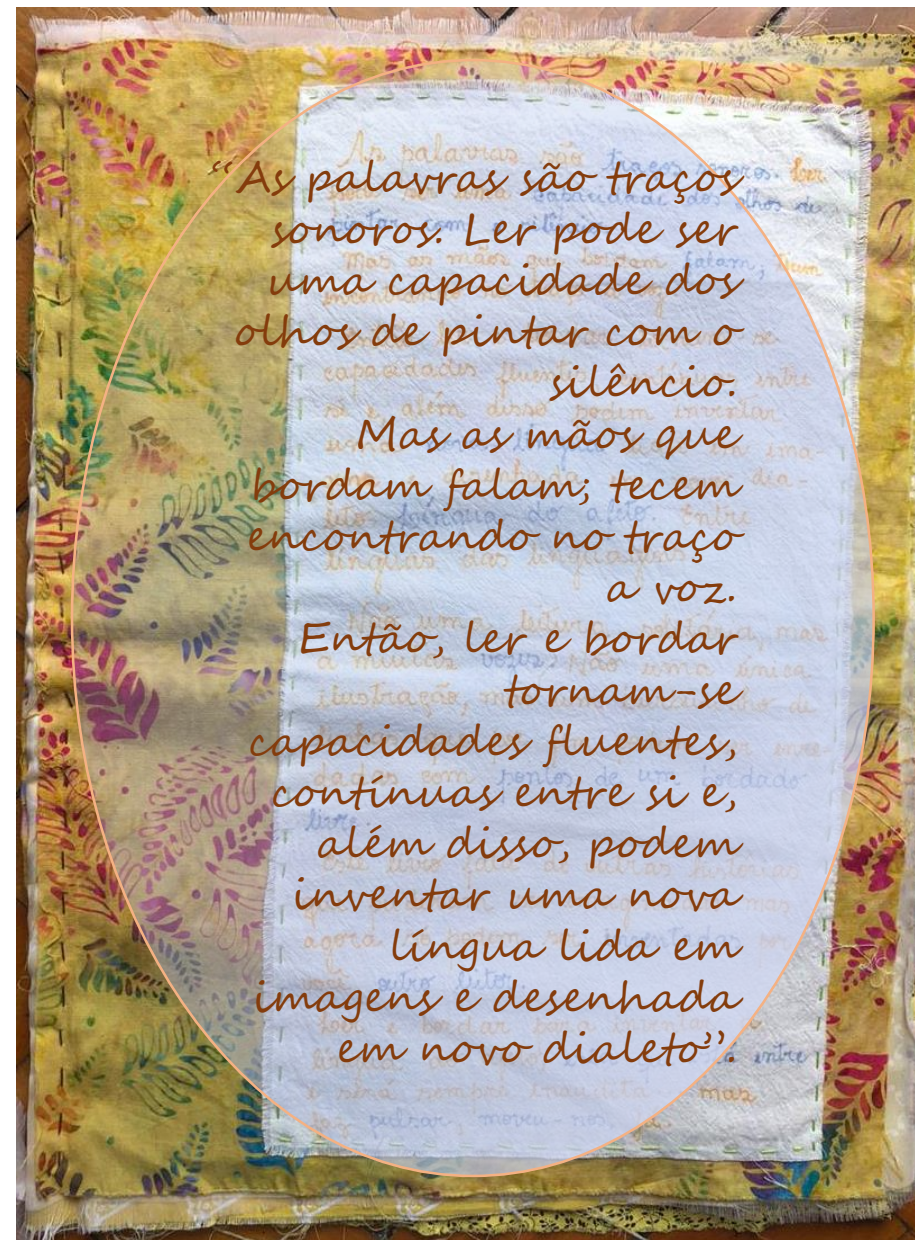
PROJETO TERCEIRA MARGEM: nas linhas da (re)sistência



Fotografia:

J. P. *, aluno do 7º ano em 2018, aprendendo pontos de bordado livre em linha reta, antes de iniciar seu bordado. ◦

*** Iremos utilizar as iniciais do nomes dos alun@s para apresentá-los nas fotos.**



Fotografia:

Página de abertura do Livro de Pano*.
Texto da professora Gabriela Machado.

Em 2018, na E. M. José Calil Ahouagi, em Juiz de Fora, organizamos um projeto **inter** e **transdisciplinar**. *Inter* porque trabalhamos junto duas linguagens (português e artes manuais) e *trans* porque buscamos compor entre duas propostas metodológicas – o ato de ler coletivamente e o ato de bordar coletivamente – a busca de borrar os limites das linguagens. No desejo de habitar a terceira margem, aquela que nos possibilita inventar novas lógicas, novos modos e novas ficções de nós mesmos. Ao final produzimos o *Livro de Pano* que contem textos de apresentação e as imagens e palavras, bordadas pelos alun@s.

*Apenas 1 dos bordados foi feito pela professora, a partir de um desenho de aluno.

“Língua do afeto.
Entre línguas das linguagens”..



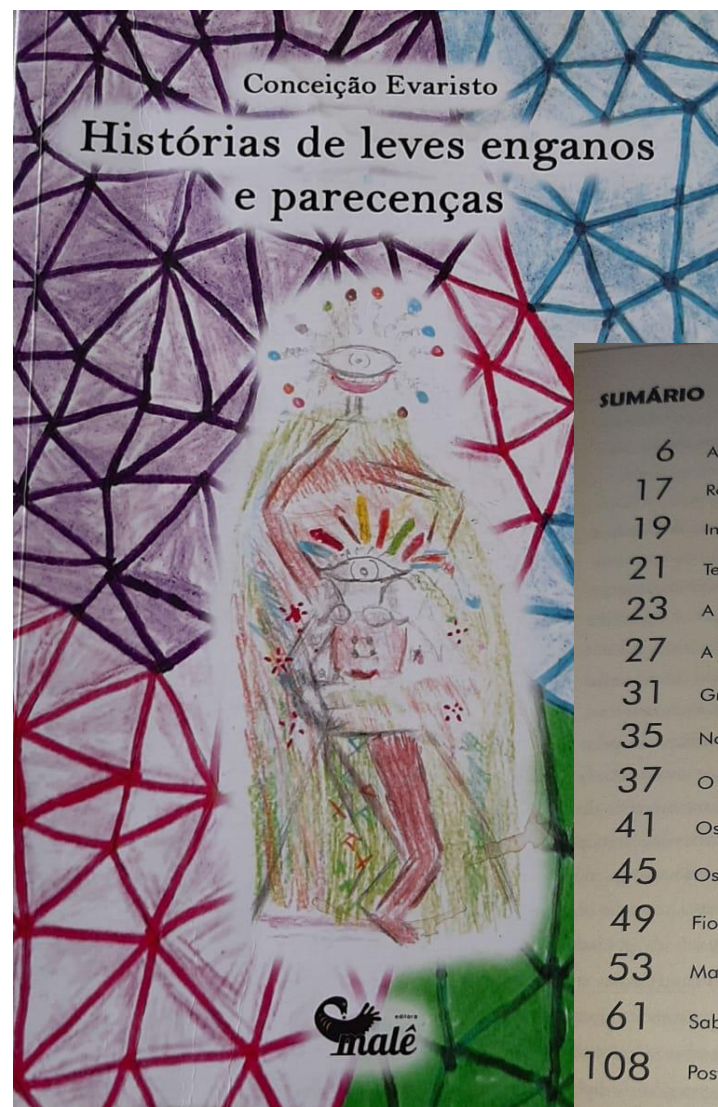
Fotografia:
Página que compõe o *Livro de Pano*.
Bordado feito por T.A. e S. F. alunas do 9º ano.

O livro escolhido para leitura foi ***“Histórias de leves enganos e parecenças”*** de **Conceição Evaristo**.

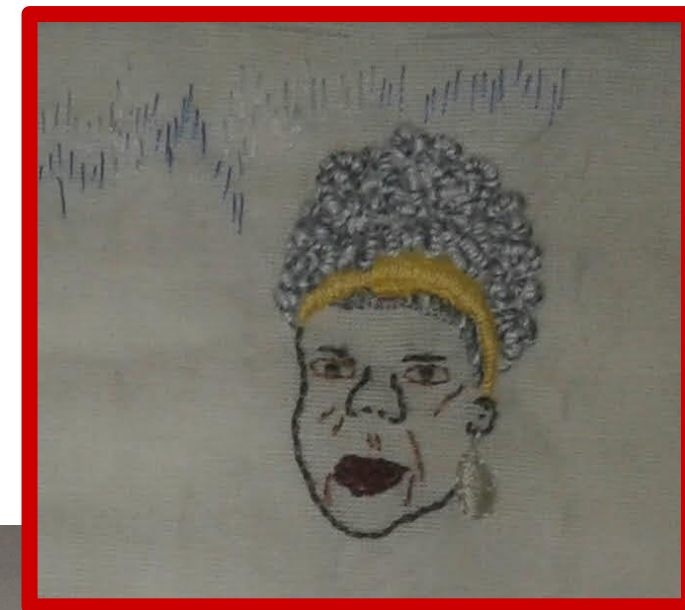
A professora Priscila Sant’Anna, da *oficina de leitura dirigida* introduziu as atividades com o conto *“A moça tecelã”* de Marina Colasanti, que nos apresenta a arte de tecer e destecer realidades desejadas: modo encontrado para estreitar os laços entre literatura e bordado livre.

Depois, debruçaram-se em leitura de três contos de Evaristo: *“A moça de vestido amarelo”*, *“Os guris de Dolores Feliciano”* e *“Fios de Ouro”*. Leitura em voz alta, lenta, coletiva, com paradas para conversas sobre palavras, passagens ou interpretações.

Ao final de cada conto, os alun@s produziram desenhos que eram por fim levados à oficina de bordado livre.



SUMÁRIO	
6	Apresentação
17	Rosa Maria Rosa ◀
19	Inguitinha .
21	Teias de aranha ▶
23	A moça de vestido amarelo ✓
27	A menina e a gravata .
31	Grota funda
35	Nossa Senhora das Luminescências
37	O sagrado pão dos filhos
41	Os pés do dançarino .
45	Os guris de Dolores Feliciano ✓
49	Fios de ouro ✓
53	Mansões e puxadinhos
61	Sabela
108	Posfácio



Fotografias:

1. Capa do Livro utilizado na oficina de leitura dirigida.
2. Índice dos contos desse mesmo livro.
3. Conceição Evaristo, bordada por Gabriela Machado.



Ler junto é um modo encontrado para democratizar o acesso à literatura; para aprofundar a leitura, podendo experimentá-la em voz alta. É uma oportunidade de reler, isto é, voltar atrás e ler de novo; e, sobretudo, uma possibilidade de ouvir as diversas interpretações e percepções de uma obra.

Mas também é uma leitura demorada, sem pressa, capaz de produzir imagens e imaginação em torno da trama que se desenrola.

Depois da leitura e da conversa, o desenho. Uma ilustração de um gesto, de uma paisagem, de uma personagem daquela história.

Áudio com depoimento sobre o projeto. J. V., aluno do 9º. ano em 2018.



Fotografias:

1. M. L., aluna do 9º ano em 2018, recortando o desenho para passá-lo para o tecido e bordá-lo.
2. Desenho de G. S., aluna do 8º ano em 2018.

O interesse pela leitura daquelas histórias, despertavam outras tantas perguntas. Para além do entendimento. O universo da cultura brasileira e de nossa raiz africana ficou cada dia mais intenso sobre aqueles olhares. Mapear e revisitar preconceitos e percepções do dia-a-dia daquela comunidade de alun@s através de pequenos trechos das histórias, ampliava a potencia do que se lia e, claro, do que se inventava com isso.



Áudios com depoimentos sobre o projeto. T.S. e J.V. alun@s do 9º anos em 2018.



Fotografias: Três desenhos feitos por alun@s do projeto. Imagens inventadas a partir da leitura.



Fotografias:

1. Mostruário de pontos de bordado livre do aluno J.P.
2. J.F., aluna do 7º ano, aprendendo a bordar letras.

Áudio de depoimento de T.A., aluna do 8º ano, em 2018.

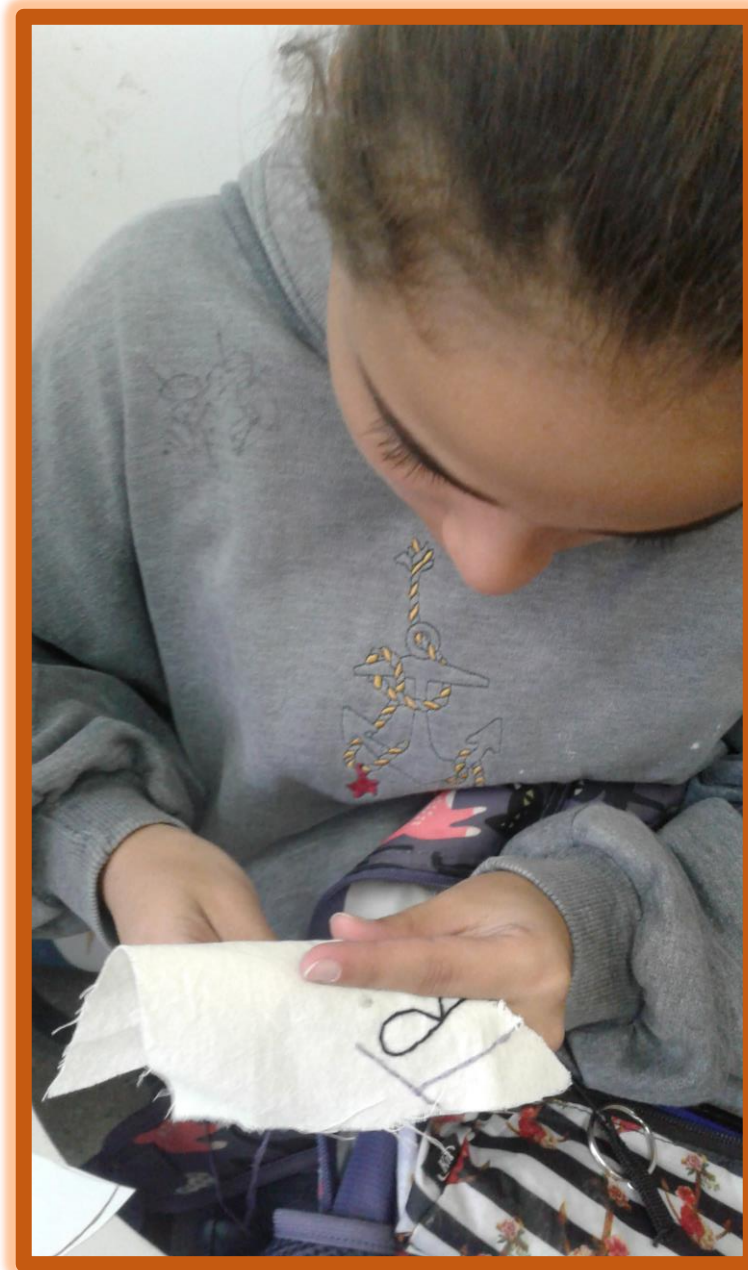


Entre a leitura e o desenho, o aprendizado dos pontos de bordado livre.

Nesta *oficina de bordado* primeiro aprende-se cada ponto em linha reta, para exercitá-lo, ainda sem preocupação com a forma.

Memorizar como inicia cada ponto. Observar o desenho que cada ponto faz sobre o tecido. Descobrir a dança do gesto ao alinhavar.

Cada um produzindo seu próprio mostruário de pontos. Autonomia.





O projeto aconteceu em duas oficinas concomitantes, de *leitura e de bordado*; cada um delas com uma professora coordenando as atividades.

Os alun@s foram divididos em duas turmas, que se revezavam de tempo em tempo, experimentando a leitura e a produção de bordados.

Os desenhos trazidos da oficina de leitura eram passados para o tecido e aos poucos ganhavam movimento, cor, densidade.

Não foram bordados todos os desenhos feitos. Pequenos grupos de 3 pessoas bordaram um mesmo desenho escolhido entre eles. Assim iniciou-se o processo de produção de uma nova linguagem: o que brota entre a literatura e o bordado.



Áudio de depoimento de L.G., aluno do 7º ano, em 2018.



Fotografias:

1,2 e 3. Momentos de L.G., aluno do 7º ano em 2018, bordando. A escolha da cor do tecido para aplicar junto ao bordado foi um momento muito interessante, onde menino pensava o ser menina.





Fotografias:

1. Oficina de bordado. Alunos exercitando pontos de bordado juntos.
2. Bordado que compõe o Livro de Pano. Feito pelo aluno do 6º ano em 2018, M. O.
3. Detalhe do bordado feito por M. T. e J. R. alunas do 8º ano em 2018.



Aprender com o outro, escolher com o outro, permitir a troca e a conversa durante o fazer.

Aos poucos a oficina de bordado se configurava numa espaço de conversa. Onde as imagens produzidas iam ganhando novas narrativas, entre risadas e medos, entre ajustes e erros.

Descobria-se no ato de bordar novas histórias, sendo tecidas e inventadas, entre eles e suas subjetividades.

Começamos a ocupar a **TERCEIRA MARGEM**, esta que nos possibilita refletir, flexibilizar, esperar.

Quando se toma o bordado livre como potência para a produção de trabalhos autorais, vamos a cada gesto encontrando nosso modo de bordar, nossa capacidade de sugerir e aceitar os rastros que cada gesto vai deixando no tecido, impregnando-o de memórias e desejos.

Neste sentido bordar deixa de ser um adorno ou uma decoração e passa a ser linguagem artística, para meninos e meninas.



Fotografias:

1 e 2. Alunas bordam conversando, concentradas cada uma em suas mãos, com agulha, linha e tecido. Entre a fala e o tecer, a experiência de tecer-se, um bordado que se fz gesto de um movimento do que se vê, do que se escuta, o que se percebe e atravessa a cada uma.

O ato de bordar torna-se experiência.

“ As palavras com que nomeamos o que somos , o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. (...)

Experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.

Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”.

LARROSSA, Jorge.



Muito se fala sobre a experiência do ato estético na educação; daquilo que produz afeto. Que nos atravessa e atravessa o outro.

A poesia que permeia uma obra acontece entre o artista e o público. O poético é produzido neste espaço-tempo *entre*.

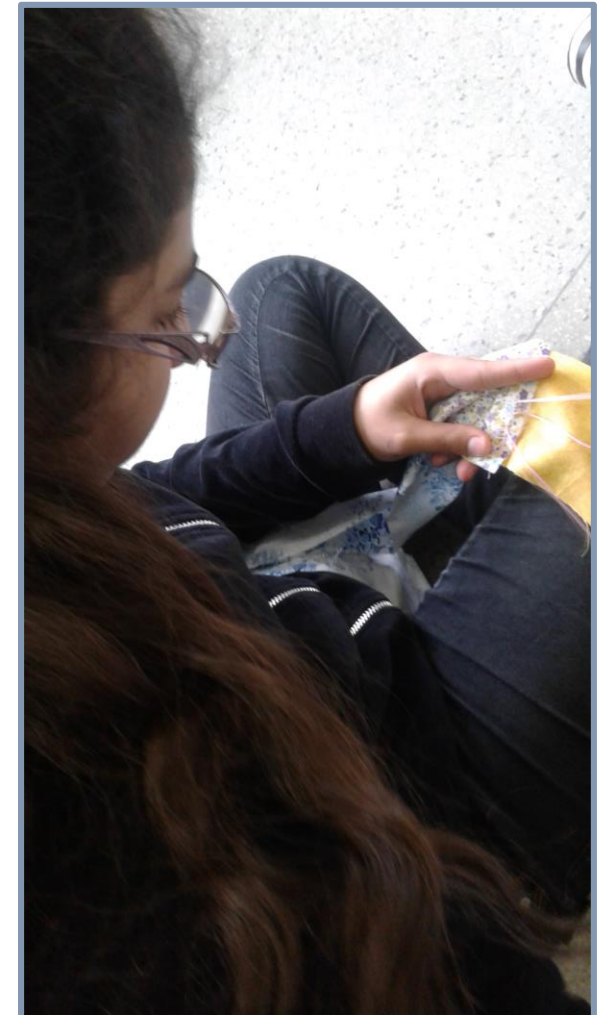
Neste sentido este Projeto queria habitar em salas de aulas, este espaço-tempo entre as linguagens. Bordar a partir das imagens daquilo que se lia. Mas aos poucos uma outra possibilidade se abria: uma língua que nasce no inaudito porém percebido; no inabitável porém percebido.

Já não se bordava o que se apenas leu. O ato de bordar, impregnado de outras escutas e subjetividades, num espaçotempo de produção de uma obra, onde não precisa seguir um modelo, nem copiar, nem repetir. Mas seguir rastros daquilo que se vem experimentando.

O impulso criador como capacidade humana e o tempo escolar como um tempo protegido do tempo cronológico, que resguarda nossa potência de inventar a partir daquele mundo apresentado com amor.

Aos poucos aqueles bordados foram ganhando forma e grandiosidade. Cuidar do acabamento e da publicação foram partes importantes do processo. Observar a produção do outro. Perceber sua estética, seu modo de apresentar-se autor daquela obra. Onde o observar daquilo que se produziu, nos indica o modo de como publicá-lo. Assim nasceu dois momentos: um mostra de todos os bordados num grande painel de pano. E depois a confecção manual de um livro de pano para guardar a memória e as obras produzidas.

Fotografia:
aluna do 8º ano em 2018, juntando
retalhos de tecido para a produção
do painel coletivo dos bordados.

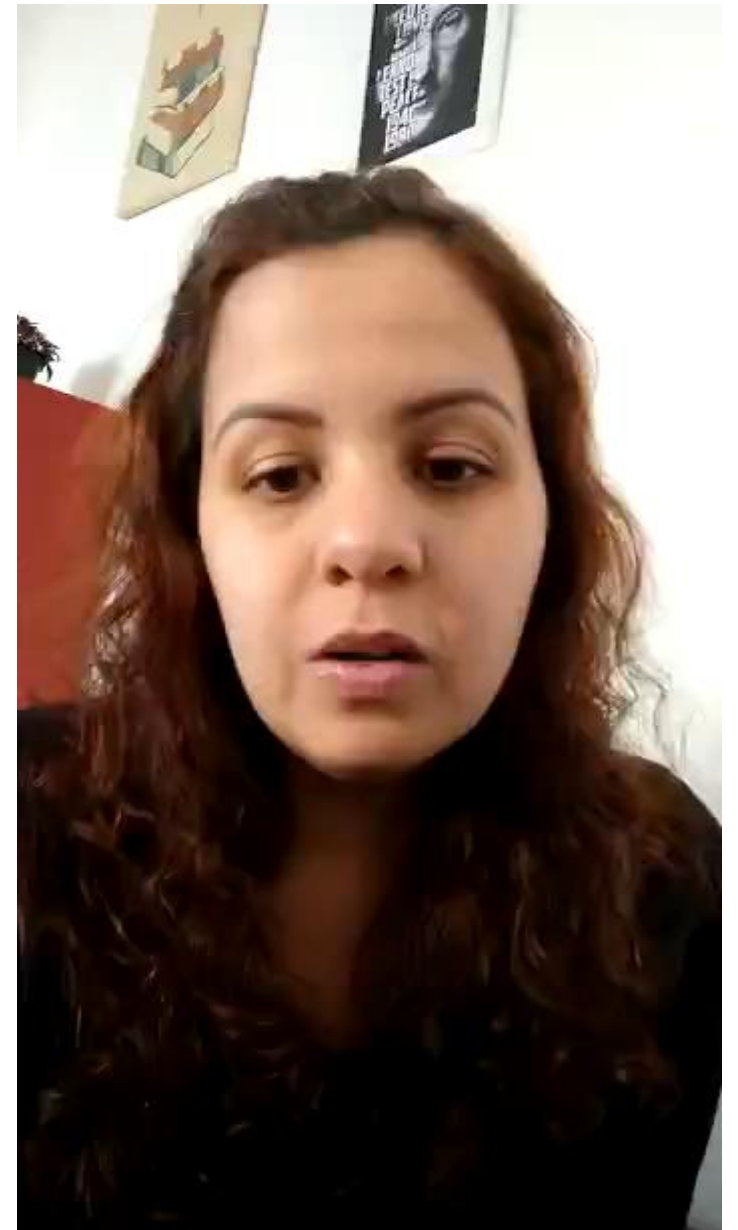


Quando podemos revisitar aquilo que vivenciamos em 2018 e, ainda assim produzir novas experiências, isto é, novas potências de invenção e percepção brotar, podemos afirmar que aquele Projeto produziu aprendizagem. Produziu outro modo de aprendizagem. Produziu *aprendimentos* como já nos contou Manoel de Barros em suas poesias.

“Estudara nos livros demais. Porém aprendia melhor no ver, no ouvir, no pegar, no provar e no cheirar”. BARROS, Manoel.

Ao revisitar cada passo deste projeto e aos poucos reencontrar depoimentos de alun@s e também professor@s da escola, percebemos os ecos. Ainda estamos recolhendo e ressignificando o lugar da arte na escola. Arte como esta potência de criar novos mundos possíveis.

Vídeo com depoimento de Priscila Sant'Anna, professora co-responsável pelo projeto.



“Infelizmente não sei bordar. Não sei. Nunca tive interesse nem sabia atribuir valor a esse fazer. Coisas de quem nasceu na cidade grande, teve a sua infância presa num apartamento vendo TV e brincando de barbie. Engraçado, durante boa parte de minha infância fui criada pela minha avó enquanto minha mãe trabalhava para nos manter. Mas nunca vi minha avó bordando. Isso não deveria ser memória que se tem da avó? Não sei, não lembro. Lembro da comida boa, mas não lembro de nada muito relacionado às artes. Mentira, minha família sempre gostou muito de música.

Cresci sem saber apreciar muito bem essa arte que envolve mulheres, serenidade, inspiração e sentimento, mas na verdade nunca parei para pensar que um bordado poderia ser isso. É feio dizer, mas o que pensava do bordado, até muito pouco tempo era acessório, era aquilo que se terceirizava para deixar a toalha mais bonita. Acho que o bordado ainda é isso para muita gente. Vou mandar bordar o jogo de toalhas para dar de presente de casamento para alguém.

Até pouquíssimo tempo, a minha descoberta para a beleza da vida é tardia. Ao contrário do que muitos contam, minha relação com as letras, com os filmes, com as artes e com a verdade do outro não começa na infância, não faz parte das experiências de juventudes, mas se inicia, ou pelo menos ganha força, quando eu consigo reconhecer que a arte está naquilo que nos une, está no que emociona, no que encanta enquanto acontece.

Aprendi isso outro dia quando vi crianças bordando, juntas, após a leitura de um conto de Conceição Evaristo. Já sabia nesse dia que a literatura causava isso tudo, mas não sabia do bordado. Mas eu não sei bordar. Quero estar junto, mas eu não sei bordar.

Tocada por essas mulheres, afetada por minhas inabilidades e talvez insensibilidades, querendo estar junto de algum modo, fiz algo que faz parte de meu repertório, quis ver imagens de bordadeiras, mulheres que bordam. Digitei no google: bordadeira. Coitado do oráculo desta geração, me mostrou fotos de máquinas que fabricam bordados. Não sabia do que eu estava falando, ou melhor, os algoritmos de quem eu ainda sou levam às imagens da máquina.

Ainda não sei como me desfazer disso, mas agradeço porque tenho aquelas mulheres que bordam, as que não estão retratadas nas pinturas que eu queria ver, mas que estão juntas, que fazem questão de estarem juntas e que me acolhem na minha inabilidade de não saber bordar”.

De Priscila Sant’Anna para Gabriela Machado, dia 22 de julho de 2020.

Racière em seu texto “A imagem pensativa” apresenta-nos a potencia das imagens depois de produzidas. E a força da distância, isto é, do espaçotempo entre a imagem e que a observa agora. Um acontecimento que muito nos interessa quando pensamos o Projeto aqui apresentado. Como parte de nosso processo de avaliação e desdobramentos, recolhemos não só os depoimentos mas também novas produções em torno da linguagem do bordado.

Aquele tempo outro trazido, aquele modo outro apresentado, aquelas obras outras inventadas. Assim, no mesmo ano, no segundo semestre outros dois projetos de bordado nasceram: bordar as coroas para o Cortejo do Congo (festa feita na escola há 10 anos) e produção e bordados como expressão de resistência. Muitos dos alunos participantes vinham da oficina anterior, de literatura e bordado.

Acho que produzimos aqui imagens pensativas:



“Imagem pensativa, então, é uma imagem que encerra pensamento não pensado, pensamento não atribuído à intenção de quem a cria e que produz efeito sobre quem a vê sem que este a ligue a um objeto determinado. Pensatividade designaria, assim um estado indeterminado entre o ativo e o passivo”. RANCIÈRE, Jacques.

Fotografia: Cortejo da Congada, 2018. Coroa bordada a mãos por alun@s dessa mesma escola, em oficina com professora Gabriela Machado.



Oficina bordado e resistência, segundo semestre de 2018. Esta oficina foi um desdobramento do Projeto TERCEIRA MARGEM. Estudamos movimentos de resistência que utilizam da arte do bordado para se expressarem. Produzimos nossos bordados de (re)xistir.



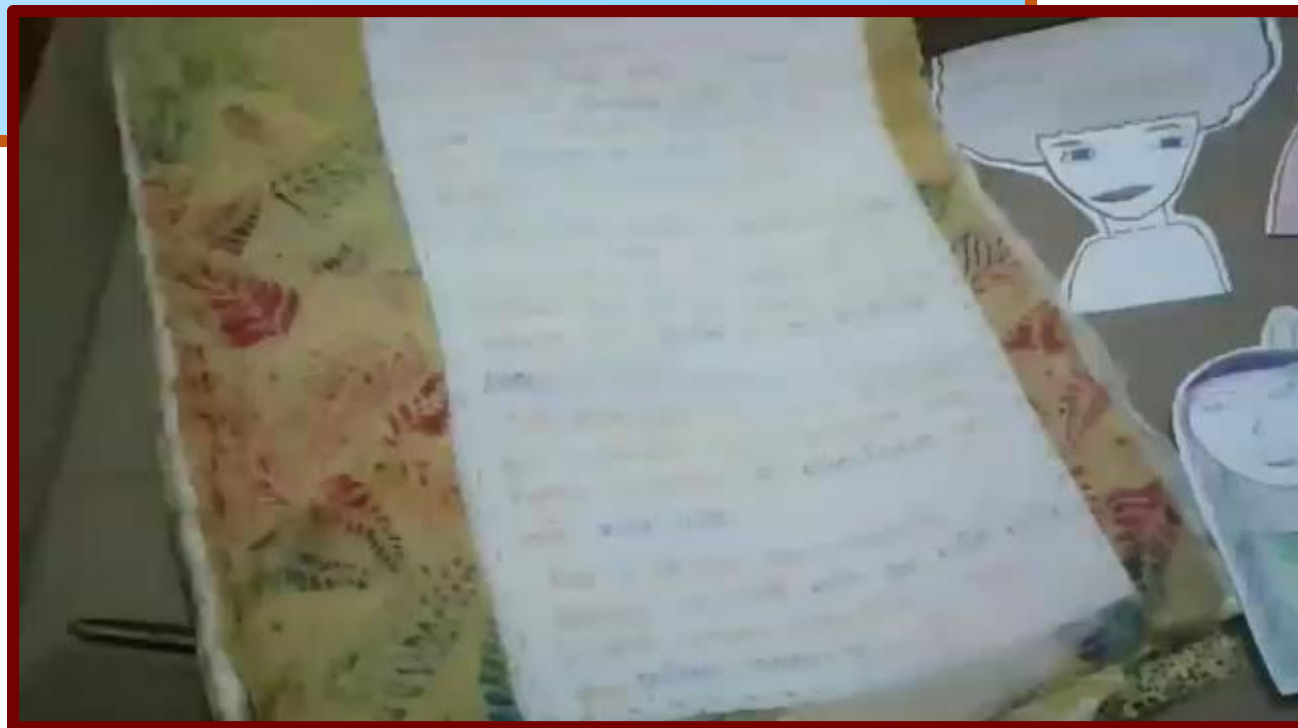
Fotografias:

1. Bordado da aluna M. O. do 8º. Ano, em 2018.
 2. Bordado do aluno J. E. do 7º. Ano em 2018.
- Nesta oficina a produção dos bordados foi individual.

O Livro de Pano, ao final do primeiro semestre de 2018, foi confeccionado a muitas outras mãos. Aproveitando dias de pagamento de greve, sábados letivos, grande mesa foi montada no centro do pátio da escola e um convite espontâneo juntou alun@os não participantes das oficinas do Projeto, encantados pelo fazer à mão. Costuramos cada bordados em páginas de pano, costuramo-las todas juntas. Por fim, o livro participou de uma mostra pública aberta à comunidade, apresentado pelos alun@s participantes e apreciado por todos.

Hoje ele compõe o acervo da biblioteca da escola municipal José Calil Ahouagi, em Juiz de Fora, MG. A direção da escola já o apresentou em reuniões pedagógicas, como exemplo de práticas que articulam conhecimentos, artes e práticas interdisciplinares.

Vídeo demonstrativo do Livro Pano,
apresentando-o, professora Gabriela Machado.





Fotografia:
Aluna mostra seu bordado. O descobrir da imagem, os desafios do traço, a estética com rugas, o refazer e o inventar.

Algumas inspirações para possíveis conclusões daquilo que podemos avaliar:

O bordado gera um tempo ligado ao imaginário, à paciência e à autoria, pois o que se tece é feito aqui e agora, o tempo da manualidade e da observação, pois ao mesmo tempo que se borda, se volta o olhar ao bordado, remetendo-se a todo o tempo àquilo mesmo que se está produzindo.

O bordar não é uma narrativa direta ou objetiva, ela amplia os caminhos do possível.

Bibliografia

- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In. Vários Escritos. 5 Ed. Rio de Janeiro: Outro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malé, 2016.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**. Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

Fotografias:
Bordados em detalhes.
Páginas do Livro de Pano





Fotografias:

Bordados em detalhes.

Páginas do Livro de Pano

Fotografias:
Bordados em detalhes.
Páginas do Livro de Pano

